



Organização das Nações Unidas
para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNESCO BRASIL

A EDUCAÇÃO EM UM NOVO MUNDO PÓS-MODERNO¹

John Daniel²

Introdução

É um prazer estar hoje com vocês, para esta importante conferência da Organização Internacional do Ensino Católico. Trago os cumprimentos da UNESCO e do seu Diretor-Geral, Senhor Koïchiro Matsuura. Ele lamenta não poder estar aqui hoje e me incumbiu de transmitir as suas saudações calorosas.

Obrigado pela proposta do tema sobre o qual vou falar: A Educação em um novo Mundo Pós-Moderno. A preparação destas observações me obrigaram a ampliar o meu conhecimento e a minha compreensão do pós-modernismo e da pós-modernidade.

Estes comentários se dividem, naturalmente, em duas partes. Em primeiro lugar, vou explorar o que queremos dizer com "um novo mundo pós-moderno". O que é o pós-modernismo? Quais as suas implicações para a educação? Pretendo sugerir alguns princípios para o nosso trabalho como educadores em um mundo pós-moderno.

Há duas observações preliminares que preciso fazer. O pós-modernismo não é um quadro coerente de conceitos erigidos em torno de um princípio central. Se o modernismo era, essencialmente, objetivo, o pós-modernismo é, em grande parte, subjetivo.

Minha segunda observação preliminar decorre da primeira. Normalmente, como funcionário internacional, dirigindo-me a uma conferência como esta, não deveria falar sobre a minha pessoa. No entanto, como o pós-modernismo enfatiza a subjetividade, os pós-modernistas acreditam que as opiniões de qualquer comentarista só refletem sua situação pessoal. Eles argumentariam que a minha análise das implicações que tem o pós-modernismo para a educação é prejudicada profundamente pela minha própria experiência de vida. Portanto, o que vocês precisam conhecer sobre mim para poder identificar os meus preconceitos?

¹ Texto preparado para o XVI Congresso Mundial de Educação Católica. Brasília, abril de 2002

² SubDiretor-Geral de Educação da UNESCO

Vocês podem ver que sou branco, do sexo masculino e que já passei da meiaidade. Sou um europeu que viveu principalmente no Reino Unido, na França e no Canadá. Trabalho atualmente para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a UNESCO. É importante ter em conta o meu trabalho, porque, conforme explicarei mais adiante, a UNESCO é um ponto alto internacional do modernismo, e o modernismo é o conjunto de princípios que o pós-modernismo procura destruir. Antes de ingressar na UNESCO, passei minha carreira em universidades, notadamente em universidades abertas. Acredito no dogma acadêmico de que o conhecimento é importante e aprecio a maneira de pensar acadêmica que o acompanha. Finalmente, como vocês pertencem à Organização Internacional do Ensino Católico, preciso explicar que pertencço a uma Igreja que é, ao mesmo tempo, católica e reformada, a saber, a Igreja Anglicana.

Normalmente, na condição de funcionário público internacional, faço um esforço para falar assumindo uma perspectiva universal, o que significa, usualmente, uma perspectiva secular. Mas vocês, educadores católicos, têm uma visão particular do mundo. Se ignorasse as suas crenças, estaria acompanhando a crítica pós-moderna. Portanto, vou arriscar alguns comentários a partir de uma perspectiva cristã.

O que é o pós-modernismo?

Como descrever o pós-modernismo? Isto é difícil, porque descrição é uma narrativa que procura ordenar nosso conhecimento objetivo do que estamos descrevendo. No entanto, o pós-modernismo nega todos esses três elementos do processo descritivo: não acredita em uma narrativa geral, duvida da possibilidade da ordem e nega a existência de um conhecimento objetivo.

O pós-modernismo surgiu, inicialmente, na arquitetura, não como um novo estilo diferenciado, mas como uma *collage* eclética de itens e estilos de várias procedências. O pós-modernismo é o equivalente arquitetônico do hipertexto que nos permite pular de um site para outro na rede mundial da Internet. Com efeito, o chamado hacker de computador é um símbolo apropriado do pós-modernismo. Da arquitetura, o pós-modernismo se difundiu pela maioria das áreas das ciências sociais e humanas, adotando um número crescente de itens para acrescentar à sua *collage*.

Portanto, não há no pós-modernismo um núcleo central. Ele representa o relativismo e a mistura de elementos variados, inclusive nas nossas vidas pessoais. Para citar um guia de iniciação ao pós-modernismo:

"A New Ager típica não vê contradição alguma em assistir a uma reunião de quakers pela manhã, fazer um jejum macrobiótico zen, participar de uma sessão de meditação taoísta chinesa, comer um almoço aiurvédico indiano, praticar exercícios cherokees antes de fazer Tal Chi; no jantar, mastigar um hambúrguer de carne de soja, dançar em uma cerimônia de feitiçaria sob a lua cheia com o seu grupo neopagão e recolher-se de noite para fazer sexo com o seu amigo New Age, de acordo com os princípios tântricos hindus."

Vocês, provavelmente, não consideram útil ou simpática essa descrição de um adepto do pós-modernismo, e ela também é difícil de ser traduzida para outras línguas - mas essa dificuldade capta por si mesma algo do espírito pós-modernista.

Vamos tentar, então, a abordagem histórica. Como chegamos ao pós-modernismo? Pelo menos é uma pergunta fácil de entender. Passamos, primeiramente, pelas etapas da pré-modernidade e da modernidade. No mundo pré-moderno, o sentido derivado da autoridade e da tradição influenciava fortemente o comportamento das pessoas. Os pósmodernistas citam a Igreja Católica Romana como um exemplo de instituição pré-moderna.

À pré-modernidade seguiu-se a modernidade, que derivou seu momentum e sua inspiração do Iluminismo humanista do século XVIII. Os iluministas rejeitavam a autoridade e a tradição, substituídas pela ciência e a razão. Os indivíduos podem encontrar o sentido e a verdade por meio da razão e da ciência, o que leva, naturalmente, à idéia do progresso e a uma atitude que valoriza a novidade, assim como a racionalidade. Pelo uso da razão e da ciência, podemos descobrir novos conhecimentos objetivamente verdadeiros.

Durante o julgamento de Jesus, Pôncio Pilatos perguntou: "O que é a verdade?" O modernismo achava que tinha condições de responder, e sustentava que o conhecimento e a verdade podiam ser aplicados para melhorar as condições da sociedade, mediante o progresso humano ordenado. A ordem era uma característica importante do modernismo. Por exemplo: no século XIX, um ato parlamentar deu ao Canadá a sua primeira Constituição, expressando as aspirações do país como "a paz, a ordem e o bom governo" - uma afirmativa plenamente modernista.

No mundo da ciência, da razão e do progresso, a palavra escrita é muito importante. O próprio modernismo, com sua ênfase na ciência e no conhecimento, podia ser considerado como a narrativa genérica do Iluminismo. Essa narrativa cria um modelo para outras grandes narrativas, como a cristã ou a marxista.

O pós-modernismo adota um ponto de vista diferente. Rejeita a idéia do indivíduo autônomo, soberano, focalizando, em seu lugar, nossa experiência coletiva, anárquica e anônima. Não gosta das distinções e acentua o modo como as coisas se fundem.

No seu famoso poema *The Second Coming*, escrito no princípio do século passado, o poeta irlandês W B. Yeats escreveu:

"As coisas se desfazem; o centro não se sustenta.
A simples anarquia se solta sobre o mundo,
A onda obscurecida de sangue se solta, e por toda parte
Afoga a cerimônia da inocência;
Aos melhores falta toda convicção, enquanto os piores
Estão repletos de intensidade apaixonada."

Modernista, Yeats lamenta que o centro não se sustente, o que para o pós-modernista é motivo de celebração. Para o pós-modernista, o mundo não tem sentido, por isso não devemos tentar atribuir-lhe um. Precisamos contentar-nos com mininarrativas sobre pequenos segmentos da nossa experiência, sem pretender a sua universalidade. Os pós-modernistas se opõem às grandes narrativas, porque elas deixaram de ser críveis. Para eles, a

história sangrenta e os muitos horrores do século XX mostram que o progresso humano é ilusório.

Essa perspectiva dá também aos pós-modernistas uma atitude diferente com respeito ao conhecimento. Para o modernista, o conhecimento, é importante em si mesmo, porque resulta da aplicação da razão e da ciência. Para os pós-modernistas, porém, o único valor do conhecimento é o funcional. Ele existe para ser usado. Conhecimento, para os pós-modernistas, é o que pode ser guardado em um computador. O resto é ruído. O programa de perguntas e respostas na televisão, em que as pessoas ganham prêmios importantes por conhecerem fatos isolados, é uma expressão pósmoderna do uso do conhecimento.

Os pós-modernistas atribuem pouca importância ao conhecimento, porque alegam que ele não pode ser legitimado. O conhecimento não é objetivo, mas é algo que cada um de nós constrói com os jogos da nossa linguagem. Construtivismo e desconstrução são termos-chave do vocabulário pós-moderno.

Já disse o bastante para mostrar que o ácido do pós-modernismo corrói os sistemas intelectuais das eras precedentes. Ao negar a possibilidade do progresso humano, e ao substituir a universalidade pela fragmentação, o pós-modernismo ataca as crenças tanto dos liberais como dos socialistas.

Tomem o exemplo da UNESCO, que eu qualifiquei de ponto alto internacional do modernismo. A UNESCO foi criada depois da Segunda Guerra Mundial, dentro de um espírito de humanismo esclarecido, refletindo a crença de que um mundo melhor era possível. A Constituição da UNESCO afirma que os seus Estados-Membros acreditam em oportunidades plenas e iguais da educação para todos, na busca irrestrita da verdade objetiva e no livre-intercâmbio de idéias e de conhecimento.

A UNESCO é um membro da família das Nações Unidas que tem como seus textos fundamentais - por assim dizer, sua grande narrativa - a Declaração Universal dos Direitos Humanos e as numerosas convenções e declarações internacionais dela derivadas. Com sua ênfase no relativismo e na fragmentação, o pós-modernismo golpeia o centro da noção de que haja direitos humanos universais. Se todas as culturas são igualmente válidas, por que a idéia de um direito humano desenvolvida em determinada cultura deveria ser aplicada em outra?

O socialismo se baseia na crença do progresso humano mediante a ação coletiva ordenada. Essa crença, expressa como nostalgia pelo comunismo ou como a busca de uma terceira via entre o comunismo e o capitalismo, é também a antítese do pósmodernismo. O mesmo acontece, obviamente, com as grandes crenças monoteístas e sua pretensão à universalidade. Voltarei a elas em um momento.

Este é um resumo, breve e inadequado, da *collage* intelectual que chamamos de pós-modernismo.

Volto-me agora para as implicações do pós-modernismo no campo da educação. É evidente que o pós-modernismo representa um desafio a todos os educadores, sejam seculares ou religiosos. Estaríamos em dificuldades se todos os nossos estudantes chegassem à escola ou aos colégios com uma atitude pós-modernista.

Afortunadamente, para repetir o aviso que consta do espelho retrovisor de algumas portas de automóvel, "no espelho os objetos estão mais próximos do que parecem". A herança passada de conhecimento compartilhado da humanidade, ou seja, nosso sentido comum, evolui muito lentamente. Na educação, encontramos alunos e estudantes cujas atitudes são uma mistura do pré-moderno com o moderno e o pós-moderno. Mas não pode ser uma desculpa para a inação, por dois motivos.

Em primeiro lugar, como educadores, temos um dever intelectual de enfrentar as assertivas pós-modernas que atingem os fundamentos do nosso trabalho. Em segundo lugar, muitos dos nossos alunos passam boa parte da sua vida dentro da cultura eletrônica popular que contém uma dose importante de atitudes pós-modernas. Uma das nossas tarefas é ajudar os estudantes a interpretar o seu ambiente.

Os próprios pós-modernistas não nos ajudam a entender as implicações do pós-modernismo no campo da educação. Isto acontece, em parte, porque, pela sua própria natureza, as receitas não constituem o ponto forte do pós-modernismo. Um eminente autor pós-moderno chega a sugerir que a educação elementar e secundária deveria concentrar-se em ensinar às crianças o conhecimento prevalecente da cultura e da sociedade, deixando que descubram mais tarde que foram mal orientadas. Mas devemos tentar fazer mais do que isso.

Podemos começar aceitando os aspectos do pós-modernismo, que são positivos, dentro dos nossos próprios termos de referência. Embora neguem que haja qualquer coisa universal, os pós-modernistas promovem certos valores que consideramos universais, mas que muitas vezes negligenciamos.

Um deles é o respeito pela diversidade. Meu guia de iniciação ao pós-modernismo incluía a afirmativa ousada de que "as grandes narrativas do Cristianismo, do Islã e do judaísmo têm dificuldade em lidar com as diferenças, mas há duas tradições importantes - o Budismo e o Hinduísmo - que podem abarcar as diferenças do nosso mundo cada vez mais pluralista, e o fazem".

Essa afirmativa deveria envergonhar os católicos que fizeram tão pouco para proclamar o Evangelho que o próprio Cristo declarou ser universal.

Uma outra lição do pós-modernismo é a sua apreciação do igual valor de todos os seres humanos. Outra vez, esta não deveria ser uma idéia difícil de ser aceita pelos cristãos, para quem todas as pessoas são iguais e infinitamente caras ao Senhor. Esta crença proporciona aos cristãos um fundamento claro para sustentar direitos humanos universais.

Outras visões pós-modernistas são: a tolerância e o respeito pela liberdade alheia. Deveríamos celebrar a diversidade, a igualdade e a liberdade dos outros. No entanto, se acreditamos nos direitos humanos, porque todos somos iguais perante Deus, não deveríamos tolerar a idéia de que uma cultura em particular possa definir os direitos humanos do seu povo, em nome da diferença.

Finalmente, do lado positivo, poderíamos revisitar certas outras qualidades que os pós-modernistas valorizam, como a criatividade, a emoção e a intuição.

Mas é preciso sustentar também o pensamento crítico e o rigor intelectual. Há alguns anos, dois físicos, Sokal e Bricmont, publicaram um trabalho em *Social Text*, uma revista acadêmica séria. Depois, revelaram que o seu trabalho fora escrito como um bestialógico sem sentido, redigido na linguagem obscura da erudição pós-moderna. Esses dois físicos criticaram também o modo como, para defender suas teorias relativistas, alguns pós-modernistas recorrem a teorias científicas contemporâneas que eles não se dão ao trabalho de compreender. Os autores pós-modernos que foram assim criticados não refutaram a acusação, mas se limitaram a queixar-se de que Sokal e Bricmont os tinham tratado com dureza.

A lição aqui é que os educadores precisam ensinar o rigor intelectual e a plena compreensão dos assuntos. Por exemplo: o Princípio da Incerteza, de Heisenberg, não significa que no mundo físico tudo seja indeterminado.

De um modo mais amplo, sugiro que a educação, no novo mundo pós-moderno, deva interessar-se, em particular, por duas áreas: o equilíbrio e a motivação.

Precisamos buscar o equilíbrio, tanto no conteúdo da educação como nos meios de aplicá-la. Acho que as novas notas de euro, introduzidas este ano na Europa, constituem uma boa analogia para o equilíbrio do conteúdo. Em um dos lados, essas notas mostram uma porta ou uma janela. A educação precisa ser uma janela que se abre para o mundo. É preciso buscar o potencial de cada indivíduo e desenvolver suas habilitações e o conhecimento que ajude a educação a encontrar seu preenchimento nas várias facetas da vida. Chamemos isso de formação de seres humanos competentes.

Do outro lado, as notas de euro exibem uma ponte. A educação precisa também construir pontes entre os indivíduos e as comunidades. Precisa ajudar-nos a aprender a viver em conjunto, a criar redes de relações sociais e a trabalhar juntos nas comunidades, visando ao bem comum. Chamemos isso de educação de cidadãos responsáveis.

A analogia é útil também quando refletimos sobre os métodos empregados na educação. Considero útil distinguir entre o aprendizado independente e o interativo. Aprendemos de forma independente, quando lemos um livro, assistimos a um programa de TV, ouvimos uma palestra ou um programa radiofônico, ou quando trabalhamos no nosso computador. Para os adultos, a maior parte do aprendizado é independente. No entanto, normalmente, mesmo para os adultos, esse aprendizado não basta, se o conteúdo ou a capacitação, que é objeto desse estudo, for difícil de dominar. Neste caso, eles precisam também de aprendizado interativo, ou seja, precisam de uma ponte que os ligue a alguém.

O que quero dizer é que, no aprendizado interativo, um outro ser humano, que pode ser um professor ou outro estudante, responde às perguntas e às ações específicas de quem está aprendendo. Pode responder a uma pergunta, comentar o trabalho feito em casa ou preencher um questionário enviado por e-mail.

Muita tolice é dita sobre a contribuição potencial da tecnologia ao aprendizado, devido à falha em compreender a necessidade de que haja um equilíbrio entre o aprendizado independente e o interativo. As crianças, em especial, precisam de muita interação com pessoas empenhadas no processo de educação efetiva, ou seja, professores que conduzam os seus alunos ao conhecimento e à compreensão, em lugar de acumular informação sobre os seus ombros.

Isto nos leva ao último ponto, que se relaciona muito de perto com a necessidade da interação: o que motiva as pessoas é a necessidade da educação. O mundo pós-moderno é um mundo difícil para os jovens. Muitas das tradições e dos modelos que proporcionavam estabilidade e quadros de referência às gerações passadas deixaram de existir. Quase sempre foram varridos pelas mudanças sociais ou por conflitos civis, e não pelas idéias pós-modernas. No entanto, quando os jovens começam a especular sobre o sentido da vida, o pensamento pós-moderno não se propõe a ajudá-los. Assim, eles precisam da simpatia de adultos - professores, pais e outros - que possam motivá-los a conquistar a sua confiança, para que encontrem suas próprias respostas.

Em minha função anterior, como diretor da Universidade Aberta do Reino Unido, tive a oportunidade de falar, individualmente, com cerca de 50 mil estudantes de graduação, ao longo de um período de 11 anos, e apreciei, em particular, o estudante que me disse, ao mesmo tempo frustrado e motivado, que depois de obter o seu diploma em universidade aberta podia perceber pelo menos seis aspectos em qualquer questão. E para isso que precisamos motivar as pessoas. Em primeiro lugar, devemos ajudá-las a desenvolver a atitude de ceticismo sistemático que as leva a formular perguntas. Em seguida, precisamos dar-lhes os instrumentos para encontrar as respostas e para avaliar a qualidade dessas. Desse modo, os seus julgamentos poderão formar a base para a ação individual.

E assim que podemos equipar nossos estudantes para abordar o novo mundo pós-moderno, e atuar dentro dele como indivíduos autônomos, não como membros sem rosto de uma coletividade anônima e anárquica. Quer-me parecer que os membros da Organização Internacional do Ensino Católico estão bem situados para executar essas tarefas, e desejolhes o melhor resultado nesse importante trabalho.

De nacionalidade inglesa, John Daniel é especialista em Educação a Distância, tendo ocupado, até sua nomeação como SubDiretor-Geral de Educação da UNESCO para o Setor de Educação, cargos importantes em várias instituições européias de ensino superior. Foi Reitor da Open University, instituição internacionalmente conhecida no âmbito da aplicação das novas tecnologias de comunicação e informação na educação. Atualmente é, na UNESCO, o principal impulsionador da prioridade "Educação para Todos", cujo leque de atuação cobre, naturalmente, questões tradicionais de educação tendo em conta questões relativas ao combate à pobreza e à luta contra a HIV/AIDS.